

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE – CAMPUS ARAQUARI

**BRENDA MIRIAM TREVISANI GONÇALVES
FERNANDA DA SILVA MEDEIROS
JOÃO ANTÔNIO DE MIRANDA
MILENA NATÁLIA ALVES GRIGÓRIO
WAMBASTER HENRIQUE DE MOURA FELIX**

**A GLOBALIZAÇÃO E O PROCESSO DE EXTINÇÃO DE LÍNGUAS:
ESTUDO DE CASO DOS POVOS GUARANI EM ARAQUARI/SC**

ARAQUARI/SC

2016

**BRENDA MIRIAM TREVISANI GONÇALVES
FERNANDA DA SILVA MEDEIROS
JOÃO ANTÔNIO DE MIRANDA
MILENA NATÁLIA ALVES GRIGÓRIO
WAMBASTER HENRIQUE DE MOURA FELIX**

**A GLOBALIZAÇÃO E O PROCESSO DE EXTINÇÃO DE LÍNGUAS:
ESTUDO DE CASO DOS POVOS GUARANI EM ARAQUARI/SC**

Trabalho Final do Projeto de iniciação científica integrado (PIC-quimi) apresentado ao Instituto Federal Catarinense – Campus Araquari como parte complementar à matriz curricular do Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio orientado pelo Professor Edvanderson Ramalho dos Santos.

**ARAQUARI/SC
2016**

RESUMO

A GLOBALIZAÇÃO E O PROCESSO DE EXTINÇÃO DE LÍNGUAS: ESTUDO DE CASO DOS POVOS GUARANI EM ARAQUARI/SC

A língua é um meio de comunicação indispensável aos grupos humanos, que carrega junto consigo os traços da cultura, mitologia e conhecimento científicos dos mesmos. Devido a diversos fatores - isolamento geográfico, influências culturais, ambientais, etc. - as línguas foram se diversificando, chegando a um total de sete mil línguas existentes hoje no planeta. No entanto, segundo a UNESCO, mais de 3500 destas línguas devem silenciar e serem extintas no decorrer deste século. O desaparecimento destas línguas é problemático na medida em que representa um nivelamento cultural dos povos. Partindo desta problemática, recortamos como estudo de caso os povos Guarani da cidade de Araquari-SC. Com isso, o objetivo da pesquisa é analisar como a globalização está influenciando no processo de transmissão da língua nativa nos povos Guarani na região de Araquari/SC. A hipótese assumida é que o atual processo de globalização está afetando de modo agudo as aldeias indígenas, colocando em risco a transmissão da língua para as novas gerações. A pesquisa segue uma metodologia qualitativa e se deu em três etapas: revisão bibliográfica; realização de visitas as aldeias indígenas *Pindoty* *Tarumã* *Mirin* e entrevistas com as lideranças locais e outros integrantes destas aldeias; aplicação de questionários para alunos do campus de Araquari. Notamos, contrariando nossa hipótese, que a transmissão da língua nativa nos povos Guarani na região de Araquari/SC não está em risco, pelo menos a curto prazo. Quase a totalidade dos indígenas aprende o *Guarani Mbya* como língua materna e aprendem a língua portuguesa apenas na escola para se comunicarem fora da aldeia. Porém, notamos que a globalização está influenciando de modo agudo na cultura em geral, o que pode contribuir a médio ou longo prazo no risco de transmissão da língua para as próximas gerações caso não sejam efetivadas políticas de valorização da língua *Guarani mbya*. Quanto representações dos discentes sobre os indígenas, observamos que a visão dominante é romantizada, ligando-o a uma suposta “natureza selvagem” e/ou folclórica. Por outro lado, também visualizamos uma representação dos indígenas bastante moralista por parte de alguns sujeitos, que o liga a “preguiça” e que inclusive “merece bala”. Assim, essa visão subjuga a cultura indígena a interesses econômicos. Conclui-se que a globalização atinge diferentes aldeias de distintos modos, e que por mais difícil que seja resistir ao seu avanço, os indígenas continuam lutando para preservar e continuar seus costumes e sua cultura. Esperamos que os dados coletados nesta etapa forneçam substrato para o empreendimento de ações pedagógicas e formativas visando a valorização da cultura indígena.

Palavras-chave: Línguas; Globalização; Povos Guarani.

SUMÁRIO

RESUMO	5
TEMA	4
OBJETIVOS	5
INTRODUÇÃO.....	6
1 – AS DIFERENTES LÍNGUAS HUMANAS E O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO CAPITALISTA	8
1.1 – A GLOBALIZAÇÃO E A UNIFORMIZAÇÃO CULTURAL	8
1.2 – A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DAS LÍNGUAS	10
1.3 – A HISTÓRIA DOS POVOS GUARANI NO BRASIL E A LÍNGUA GUARANI.....	11
2 – METODOLOGIA.....	13
3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	14
CONCLUSÃO	19
REFERÊNCIAS	20
APÊNDICE A: Roteiro entrevista cacique	23
APÊNDICE B: Questionário aplicado aos discentes.....	24

TEMA

TEMA: A globalização e o processo de extinção de línguas.

DELIMITAÇÃO DO TEMA: Povos Guarani da região de Araquari: como a globalização está afetando a transmissão da língua Guarani para as novas gerações.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

- Analisar o modo pelo qual a globalização está influenciando no processo de transmissão da língua nativa nos povos Guarani na região de Araquari/SC.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar os impactos que o atual processo de globalização capitalista está causando na cultura dos povos Guarani na região de Araquari/SC.
- Observar o modo pelo qual as novas gerações dos povos Guarani estão reagindo frente ao atual processo de globalização capitalista.
- Averiguar de que modo está se dando o processo de transmissão da língua nativa nos povos Guarani na região de Araquari/SC.
- Levantar as representações da comunidade escolar e da sociedade civil araquariense sobre os povos Guarani que habitam sua cidade.

INTRODUÇÃO

Quando falamos no tema “línguas”, o que se pensa é que se refere apenas a idiomas diferenciados de acordo com sua localidade. Porém, um olhar mais atento revela que a língua não é uma palavra com um simples significado, mas sim que através das línguas identificamos traços culturais, de mitologia e conhecimento científico, reconhecimento dos valores e atributos de um determinado povo. Atualmente, existem sete mil tipos de línguas em todo o planeta, duzentos e dezesseis idiomas apenas no Brasil. Antigamente existiam muito mais línguas, mais devido o processo de globalização “estamos no meio da maior extinção de idiomas que a Terra já viu” (ROMERO, 2015, p. 59).

A morte de uma língua é algo natural, podendo acontecer pela perda de território ou por mudanças forçadas à cultura tradicional. Como consequência, algumas línguas minoritárias são sufocadas por idiomas maiores (HARRISON, 2007). No entanto, devido ao atual processo de expansão capitalista – a globalização – estamos vivenciando uma era de extinções linguísticas em massa: se entre todas as línguas conhecidas, 630 desapareceram no decorrer da história da humanidade, só nas últimas quatro décadas foram cerca de 140 línguas que deixaram de existir, ou seja, quase 25% das mortes de línguas ocorreram nos últimos quarenta anos, o que corresponde a menos de 0,33% do tempo histórico desde o final do último período glacial (aproximadamente 10.000 a.c.).

A aceleração da globalização começou a deixar idiomas esquecidos e foi crescendo com mais frequência e velocidade do que o normal, fazendo os povos largarem suas origens e buscarem se adequar com a língua tradicional. Isso foi um grande problema pois a comunicação era uma de suas maiores riquezas e quando foram extintas ocorreram mudanças drásticas. Em última instância, junto com a morte de uma língua, “desaparecem músicas, ditados e piadas, que dependem das particularidades de cada língua para existir (...) também morrem mitologias inteiras” (ROMERO, 2015, p. 62).

A Globalização, que é a atual fase de expansão do Capitalismo, consiste em uniformizar o mundo deixando-o cada vez mais parecido, ocasionando uma certa padronização da cultura entre os diferentes povos. Ou seja, uma das consequências da globalização é unificar o mundo em um só sistema, o chamado: Sistema-Mundo, que consiste, por exemplo, em fazer uma pessoa dos países do sul do hemisfério ter padrões culturais semelhantes aos de uma pessoa do hemisfério Norte (SENE; MOREIRA, 2012).

Pode-se dizer que a globalização foi um processo que atingiu fortemente os indígenas através de vários pontos, mas um dos mais importantes foi a extinção das línguas forçando os povos indígenas a deixarem sua linguagem própria e seguir a tradicional. Assim, as línguas indígenas no Brasil sofreram uma grande devastação

cultural por conta da integração do agora território brasileiro ao “Sistema-Mundo”, pois “a maioria das línguas indígenas foram mortas junto dos índios, principalmente nas regiões próximas ao oceano” (ROMERO, 2015, p. 65).

Com isso, o objetivo da pesquisa é analisar como a globalização está influenciando no processo de transmissão da língua nativa nos povos Guarani na região de Araquari e reconhecer alguns dos problemas causados. A hipótese assumida é que o atual processo de globalização está afetando de modo agudo as aldeias indígenas, colocando em risco a transmissão da língua para as novas gerações.

Como forma de operacionalizar a pesquisa, delimitamos como foco da pesquisa os povos Guarani da região de Araquari. Este recorte se justifica, pois, a cidade de Araquari/SC está na área de abrangência do Instituto Federal Catarinense (IFC) – Campus Araquari. Araquari é um município brasileiro no estado de Santa Catarina, possui 24.810 habitantes (IBGE, 2016).

Com essa pesquisa esperamos conhecer um pouco mais sobre a história dos indígenas, saber como eles vivem e o quanto a vida deles mudou desde o passado até 2016. Além disso, queremos presenciar seus costumes, identificar seus valores para que possamos contribuir no reconhecimento cultural e preservação do lema da tribo e de suas raízes, que mesmo com o processo de evolução conseguiram manter vivas em seu dia-a-dia. Em última instância, a pesquisa espera sensibilizar as pessoas, especificamente a comunidade próxima e os discentes do IFC-Campus Araquari que os indígenas podem ser mais do que se conhece no senso comum e tentar passar a mensagem de que não podemos julgá-los, muito menos tirar conclusões precipitadas sobre estes povos indígenas.

Outras questões que justificaram a escolha do tema pela equipe foi o fato de que os povos indígenas fazem parte de um sistema que os excluem sem dar voz para que possam mudar alguma coisa que acham errado. Pelo fato dos mesmos possuírem hábitos culturais peculiares e em geral estarem marginalizados na sociedade capitalista atual acabam circulando representações entre algumas pessoas que os julgam como “loucos”, “esquisitos”, “anormais” e “vagabundos”.

Portanto, com a pesquisa esperamos ter uma ampla visão dos problemas atuais e então, expandir esse conhecimento para mais grupos sociais, desconstruindo estereótipos do senso comum, colaborando assim com a valorização da língua e da cultura dos povos Guarani.

1 – AS DIFERENTES LÍNGUAS HUMANAS E O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO CAPITALISTA

O referencial que embasa a análise é o diálogo entre as reflexões sobre o atual processo de globalização capitalista com o campo de estudo da linguística. Assim, na primeira parte desta seção faremos uma análise das consequências econômicas, sociais e culturais do processo de globalização capitalista. Posteriormente, na segunda parte dissertamos sobre a linguística e a importância da variedade cultural de línguas e idiomas no mundo. Por fim, descrevemos uma breve síntese da história dos povos indígenas, afunilando para os povos Guarani que habitam na cidade de Araquari/SC.

1.1 – A GLOBALIZAÇÃO E A UNIFORMIZAÇÃO CULTURAL

A globalização é um tema polêmico, intenso e complexo, pois a maior revolução do processo de expansão capitalista. A globalização não é uma mera ocasião, mas sim um processo que está gradativa e constantemente evoluindo e se transformando. Essa grande expansão deu-se início no ano de 1980 por consultores de empresas administrativas norte-americanas. Muitos acreditam que essa evolução ganhou destaque e adquiriu uma maior difusão após a queda do Muro de Berlim e com o fim da Guerra Fria (SENE; MOREIRA, 2012).

A Globalização vem progredindo a cinco séculos e atingiu os mais importantes campos que constituíam a estrutura da sociedade, eles são: cultura, espaço geográfico, direitos humanos e a economia, que é basicamente a base para tomar posse e comandar de uma maneira controlada e responsável sobre todos os cantos do mundo.

A Globalização no princípio foi usada como uma estratégia de expansão para as empresas multinacionais, isso causou grandes “fluxos”, porém esses fluxos priorizavam os países com maior infraestrutura, ou seja, gerou um desequilíbrio social. É meio lógico que o processo de globalização querendo se expandir e influenciar o máximo de países possíveis, iria causar danos colaterais e um deles foi a desigualdade social que já havia iniciado quando os fluxos de informações, capitais e mercadorias priorizavam os países com maior infraestrutura. No entanto, com a intensificação da globalização, a desigualdade foi ficando cada vez mais gritante, sendo o campo de direitos humanos colocado em segundo plano a partir do momento em que apenas uma pessoa de alto nível possui uma remuneração maior mais do que quinhentos trabalhadores. O resultado prático deste fenômeno pode ser visto no estudo da ONG OXFAM que demonstrou que o 1% mais rico da população mundial detém mais riquezas do que todo o resto do mundo junto. E mais: este fenômeno de concentração está cada vez mais intenso (OXFAM, 2016).

No campo cultural, a globalização tem como consequência uma certa padronização das diversidades culturais entre os povos/nações ao edificar um padrão, no qual as pessoas sentem induzidas a segui-lo e a adquiri-lo no dia-a-dia. (SENE; MOREIRA, 2012).

Por sua vez, Santos (2003) retrata a globalização em três fábulas diferentes. A primeira fala de como a globalização nos faz ver o mundo, que é uma forma bem subjetiva, que mostra sempre os lados positivos e esconde os negativos. Essa fábula é propulsionada pelo avanço dos meios de comunicação que trouxeram grandes melhorias tanto para a tecnologia quanto para o mercado consumista, mas ao mesmo tempo criou padrões culturais, onde as pessoas são atraídas pelas mesmas coisas, possuem os mesmos gostos e hábitos. Já a segunda fábula mostra as consequências da globalização, associa o mundo como uma fábrica de perversidades tais como, AIDS, analfabetismo, fome, desabrigo, mortalidade infantil, entre outros problemas gravíssimos, sem falar no alto índice de desemprego que vem atingindo diretamente as famílias de classe média. A perversidade está na raiz dessa evolução negativa da humanidade e esses processos estão diretamente ligados com a globalização. Por fim, Milton Santos nos convida a pensar *uma outra* globalização. Assim, a terceira fábula nos faz ter esperança em como o mundo um dia *pode ser*. Para isso teríamos que voltar a focar nos valores sociais e abrir mão de certos fatores econômicos. Alguns dos fatores que fariam a diferença para começar um mundo melhor são: a miscigenação de povos, culturas, valores, gostos, credos em todos os quatro cantos do globo. Assim, temos que reaprender a ver o mundo e lutar por uma globalização mais humana.

Existem outros pontos emblemáticos da Globalização, mas agora relacionando este processo com os povos indígenas, podemos afirmar que os indígenas possuíam uma personalidade peculiar, um modo de se comportar totalmente diferenciado da cultura judaico-cristã, a começar pelas suas vestimentas (ou a sua quase ausência...). Com isso, notamos a riqueza cultural dos povos indígenas.

Essas características específicas dos indígenas acabaram sofrendo transformações com a chegada da globalização, pois este processo começou a inovar métodos de integração entre os países, o chamado Sistema-mundo, que uniformizou os pensamentos, as roupas, os alimentos, etc. Essa uniformização aconteceu através de marcas que foram criadas e colocadas como referência de “modo de viver”.

Com essas novas tendências os indígenas foram levados a se adaptar, deixando suas raízes e tudo que nelas acreditavam ser o ideal da vida. Na fusão deste processo acabaram adquirindo o costume de usar roupas, morar em uma casa, tomar remédios, consumir produtos industrializados e também tentar se “enquadrar” na sociedade capitalista, pautada por outros valores até então desconhecidos por eles,

como a ideia da propriedade privada, do lucro e a acumulação de riqueza (OLIVEIRA FILHO; 2000; SCHWARTSMAN, 2012).

Como se já não fosse difícil o suficiente ter sua cultura transformada drasticamente, os povos indígenas ainda sofrem preconceitos e são excluídos e retidos da comunidade. Ou seja, além de terem sofrido uma violência simbólica em sua cultura que foi quase devastada, acabam enfrentando inúmeros desafios na sua busca contraditória entre manter os seus padrões culturais e se adaptar de forma equilibrada aos desafios causados pelo processo de globalização.

1.2 – A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DAS LÍNGUAS

A língua é um meio de comunicação indispensável aos grupos humanos, que carrega junto consigo os traços da cultura, mitologia e conhecimento científicos destes grupos humanos. Devido a diversos fatores – isolamento geográfico, influências culturais, ambientais, etc. – as línguas foram se diversificando, chegando a um total de 7 mil línguas existentes hoje no planeta. Muitos estudiosos, como o linguista israelense Guy Deutscher, acreditam que já existiu uma língua que foi falada por toda humanidade (BIZZOCCHI, 2010). Mas tudo começou a mudar quando começou os movimentos migratórios, resultando no isolamento geográfico de alguns grupos humanos. Assim, isolados, estes grupos humanos desenvolveram cultura e língua própria. (ROMERO, 2015; NEVES, 2014).

A variedade linguística resultou em línguas únicas, peculiares e que expressam toda a riqueza cultural dos diferentes grupos humanos. Como exemplo de línguas peculiares temos: a) a *Tuyuca*, falado por menos de mil indígenas aqui no Brasil, que é uma língua que exige que você explique todo contexto de dada situação, ou seja, essa língua não permite que você apenas afirme algo, você tem que explicar/dar referências sobre aquilo; b) *Khoisan* que é uma língua onde os sons mais característicos desses idioma são produzidos com diferentes tipos de estalos feitos com a língua (CAVALLI-SFORZA; CAVALLI-SFORZA, 1998); c) *silbo*, língua das Ilhas Canárias cujas palavras são assoviadas; d) *archi*, língua característica por seu sistema complexo, pois os verbos da língua podem ser conjugados em 1,5 milhões de formas diferentes. (VAL, 2015; MAES, 2016).

Como salientamos na introdução deste trabalho, a morte de uma língua é um processo natural, que ocorre quando a língua é deixada de se falar. No entanto, devido o processo da revolução capitalista da globalização estamos vivenciando uma era de extinções linguísticas em massa. Só nas últimas quatro décadas foram cerca de 140 línguas que deixaram de existir. Ou seja, foram centenas de culturas peculiares deixadas de lado e que podem nunca mais renascerem. (ROMERO, 2015)

Seria muito prático se todo mundo falasse apenas uma língua universal, essa língua unificada teria vida breve. Isso porque “em pouco tempo, cada grupo selecionaria os termos adequados ao seu ambiente e à sua cultura, diferenciando novamente as linguagens” (ALMEIDA, 2002, texto digital). Além disso, a morte das línguas representa um nivelamento cultural que empobrece a cultura humana. Assim, com a morte de uma língua, “desaparecem músicas, ditados e piadas, que dependem das particularidades de cada língua para existir (...) também morrem mitologias inteiras” (ROMEIRO, 2015, p. 62), assim como se perdem palavras ou expressões que funcionavam como ferramentas de sobrevivência para aqueles grupos sociais. Assim, se todos falassem apenas uma língua, a humanidade perderia grande parte de sua riqueza cultural que está na sua diversidade. Portanto, o impacto de uma língua morta, é nada menos, que uma cultura esquecida. (EUROLOGOS, 2010)

Para preservar uma língua é necessário deixar ela sempre “viva”, falando-a no cotidiano de determinada comunidade. De tal modo, se deve incentivar que ela continue sendo transmitida as novas gerações, amigos ou familiares. Ter um dicionário para essa língua e considerá-la um patrimônio da humanidade também poderia colaborar para frear um pouco a “era de extinção linguística em massa” que estamos vivenciando no atual processo de globalização capitalista.

Na próxima seção iremos refletir sobre a situação das línguas “indígenas” no Brasil e como elas estão cada vez mais se adaptando as línguas mais “modernas”.

1.3 – A HISTÓRIA DOS POVOS GUARANI NO BRASIL E A LÍNGUA GUARANI

Antes da chegada dos portugueses ao Brasil já existiam vários grupos indígenas habitando nosso território. Cada povo possuía sua própria cultura, religião e costumes. Viviam em tribos, basicamente de caça, pesca e agricultura. Tinham como chefe político administrador o cacique. Já o *pajé* era responsável pelo âmbito religioso, medicinal e pela transmissão de cultura e conhecimento para povo. Com a chegada dos portugueses ao Brasil muitos índios foram enganados, explorados, escravizados e em muitos casos massacrados pelos portugueses. Com este processo, eles perderam também suas terras e foram forçados a abandonarem sua cultura em favor da europeia. (GOMES, 2012)

De 4 milhões de índios em 1500, sobraram apenas 896,5 mil índios atualmente no Brasil (GOMES, 2012). Muitas tribos foram influenciadas pela cultura dos “brancos” e perderam muitos traços culturais. Com isso, é muito comum observar atualmente nas tribos indígenas índios falando em português, vestindo roupas e até usando equipamentos eletrônicos. Ainda há tribos isolados que conseguiram ficar

longe da influência branca, e conseguiram manter totalmente intacta sua cultura. Infelizmente são poucas tribos e a maioria está localizada na região amazônica, tais como as tribos *xinane*, os *korubo* e os *awá guajá* (ANSEDE, 2015).

Entre os séculos XV e XVI, na época do “descobrimento” do Brasil, cerca de mil línguas eram faladas onde hoje é delimitado o território brasileiro. A existência de muitas tribos indígenas de culturas diferentes explica a enorme diversidade linguística. A maior parte dessas línguas foi desaparecendo devido à violência exterminadora dos colonizadores portugueses (CARDOSO, 2006). Segundo o censo de 2010 do IBGE (2010), o país contava então com uma população indígena de 896,5 mil, dividida em 305 etnias e que falava 274 idiomas. O quadro geral dessas línguas é bastante diversificado, pois há línguas consideradas virtualmente extintas, e outras como o *Jurúna* com menor risco de desaparecer apesar de sofrer várias mudanças com o contato com outros povos. (TERRA, 2016). Este quadro de extinção das línguas nativas no Brasil está ocorrendo pois:

dos 216 idiomas contados pelo *Ethnologue*, 57 pararam de ser transmitidos entre gerações, 99 são falados apenas por anciões e estão morrendo, enquanto 22 foram extintos nas últimas décadas e são irre recuperáveis. Em resumo, mais da metade dos idiomas falados no Brasil morreram ou estão prestes a silenciar. (ROMEIRO, 2015, p. 65)

Entre as línguas indígenas do Brasil, os troncos linguísticos com maior número de línguas são o *tupi* e o *macro-jê* (IBGE, 2010). Algumas dessas línguas são faladas por mais de 20 mil pessoas, enquanto outras não chegam a meros 20 indivíduos, estando realmente em vias de se extinguirem. As línguas são verdadeiros documentos da formação da identidade brasileira profunda, que merecem a proteção e a divulgação como preciosidade, material de pesquisa e patrimônio cultural imaterial que são (HYPENESS, 2010). Além disso, nosso vocabulário brasileiro é rico em palavra indígenas como por exemplo: abacaxi, gambá, pipoca, caboclo e muitas outras palavras de origem indígenas, usadas em nosso dia a dia (CALDAS, 2011).

A língua indígena falada pela aldeia indígena objeto desta pesquisa é a língua *guarani*. A língua *guarani* é falada por diferentes povos e de diferentes modos, pois é uma língua indígena do sul da América do Sul e é falada pelos povos da etnias *guarani* e pelos paraguaios. Surgiu a partir do *guarani* antigo e legou alguns vocábulos ao português brasileiro na toponímia, nos nomes de animais e em termo do cotidiano. Levando-se em conta as longas distâncias entre os diferentes subgrupos guarani, são relativamente pequenas as diferenças entre suas línguas (MURA, 2003).

2 – METODOLOGIA

A pesquisa segue uma metodologia qualitativa. A pesquisa qualitativa tem cinco características básicas:

a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 44)

A presente pesquisa qualitativa assume a forma de estudo de caso. Assim, deve-se ter um cuidado especial com as deduções generalizadoras, pois analisar o efeito da globalização na transmissão da língua nativa dos povos indígenas na cidade de Araquari é um processo singular. No entanto, essa abordagem é fundamental para compreendermos a realidade social visando alcançar uma transformação deste quadro problemático.

A pesquisa se deu em três etapas. Na primeira fizemos revisão bibliográfica do assunto em livros, documentários e artigos científicos. Na segunda, realizamos visitas a campo e entrevistas com as lideranças locais e outros integrantes das aldeias. Nas entrevistas buscamos informações de sua situação atual, as dificuldades em suas relações fora da aldeia, se ainda mantem ou não suas culturas e seu idiomas original, e porque na opinião deles, estão perdendo sua cultura. Foram visitadas duas aldeias indígenas, ambas situadas em Araquari. A primeira visita foi na aldeia *Pindoty*, onde conhecemos a escola estadual indígena *Eief Kirikue Nhemboea*. Conversamos com as crianças indígenas na escola, com professores e também efetivamos uma entrevista aberta com a Cacique Cecília (APÊNDICE A). A outra visita se deu na aldeia *Tarumã Mirin*, localizada um pouco mais ao sul da aldeia *Pindoty* e mais isolada. Nesta aldeia entrevistamos Mariano, que provavelmente será o próximo Cacique da Aldeia, pois o atual está com câncer e adoecendo.

Finalmente, na terceira etapa elaboraremos questionários (APÊNDICE B) para alunos do campus de Araquari, para ver qual representação que eles possuem em relação aos grupos indígenas de Araquari. Com os questionários retiraremos informações se eles têm a percepção que os indígenas vivem integrados e com sua cultura bem preservada ou se eles têm a percepção que os indígenas passaram por transformações culturais e vivem sobre dificuldades materiais. Também nesta etapa efetuamos pesquisa em sites/blogs e artigos de opiniões para consultar as representações que circulam por estas mídias em relação aos indígenas na região de Araquari/SC.

3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos diários de campos e das entrevistas, nota-se diferenças substanciais entre as duas aldeias indígenas pesquisadas até o momento. Em ambas se constata o avanço do processo de globalização (em uma mais fortemente que na outra), afetando de modo direto e indireto as aldeias indígenas e seus costumes.

Na aldeia *Pindoty*, mais próxima ao centro de Araquari e onde localiza-se a escola *Eief Kirikue Nhemboea*, notamos uma aguda influência do processo de globalização nos costumes e cultura dos indígenas. Antenas de TV, computadores, celulares, casas de alvenaria e roupas diversas revelam que as “ondas sonoras” da globalização fazem da aldeia um nó na rede globalizada (SANTOS, 2006). Entre os meninos indígenas vimos alguns com objetos típicos da moda ocidental globalizada, tais como *piercings* e estilos de cabelo “globalizados”. No entanto, um dos fatos que levam a maior violação da cultura e costumes indígenas são as idas regulares de um pastor que vai realizar cultos e “alfabetizar” (ou converter/ catequizar...) os membros da aldeia (FOTOGRAFIA I). Assim, as crianças aprendem uma religião que não é a dos seus antepassados, não tendo elementos para se proteger e assim preservar um elemento central de sua cultura que é a religiosidade. A cacique disse que permite que ele entre e faça os cultos porque acha importante para as crianças aprenderem e conhecerem mais sobre a igreja, mas falou que não frequenta os cultos.

Quanto a escola, observamos que o método de ensino é bem diferente do usual em outras instituições de ensino, pois as crianças não são divididas em ano, mas sim ficam todas juntas, ou seja, do primeiro ano ao quinto ano. De tal modo, a professora “tem que englobar os assuntos e tentar passar apenas o essencial” (fala de um docente presente no dia). De acordo com a Cacique Cecília e os professores da escola indígena, quase toda crianças tem como língua materna o *Guarani mbya*. Assim, eles aprendem a língua portuguesa apenas na escola para poderem se comunicar fora da aldeia. Além da língua portuguesa eles aprendem elementos da matemática e da gramática de sua própria língua que é a *Guarani mbya* (uma das professoras relatou que apesar de dominarem bem a língua falada, eles possuem um pouco de dificuldade na gramática da língua). Outro caso interessante é o ritual que eles possuem na aldeia quando as crianças completam um ano: elas recebem um nome indígena de batismo. Assim, os indígenas passam a ter dois “nomes”: o nome “comum” – que vão usar fora da aldeia e registrado em cartório – e o nome indígena.

Já a aldeia *Tarumãn Mirin* é mais isolada e lá habitam duas famílias indígenas. Sua estrada de acesso é bastante precária e intransitável após dias de chuvas. As casas da aldeia são feitas de madeira e palha. Possuem plantações para consumo próprio e caçam para obter seu alimento, como por exemplo tatus e pássaros. Lá não há água encanada nem energia elétrica. No entanto isso não é motivo de preocupação para o indígena e irmão da cacique Cecília, Mariano, pois de acordo com ele: “adoro este estilo mais calmo e integrado a natureza mantendo costumes dos antepassados”. Como o atual cacique da aldeia está com câncer e bastante doente, ele está indicando Mariano para ser o novo Cacique. Vale relatar que Mariano demonstra conhecimento da história e cultura guarani, falando com muito orgulho sobre suas tradições e costumes. Neste contexto, ele demonstrou algumas armadilhas, as quais aprendeu com seus antepassados e utiliza até hoje para caçar. A primeira, a “quebra pescoço” é feita de madeiras de diferentes tamanhos, umas maiores para fazer impacto e pressão na cabeça do passarinho, e outras menores em forma de meia lua, com um pequeno diâmetro, para que o pombo pouse e não consiga voar, pois o espaço é muito pequeno para ele abrir a asa novamente (FOTOGRAFIA II). A outra armadilha era para pegar tatú, sendo usada com auxílio de um cão. Mariano comentou também que de vez em quando um *pajé* (líder espiritual indígena) vem de São Francisco do Sul para visitar a aldeia.



Foto I: Mural de evangelização do Pastor que visita a Aldeia *Pindoty*



Foto II: Armadilha “quebra pescoço”

Apesar deste aspecto positivo da preservação da cultura, Mariano relatou sua preocupação com as novas gerações, pois elas “só querem ficar assistindo TV (risos) e não se interessam tanto em aprender a fazer armadilhas por exemplo”. Indagado se existe muito abandono de indígenas para ir morar na cidade e “viver como um branco”, o provável futuro cacique lembrou que “eles são livres para irem morar na cidade, mas não poderão voltar para morar na aldeia novamente”. A partir desta fala,

interpretamos que o ato de “viver como um branco na cidade” é considerado uma traição a cultura e os costumes indígenas por abandonar suas raízes e sua família.

Na aldeia observamos que os indígenas se comunicam principalmente na língua *Guarani Mbya*. Mariano falou que as crianças aprendem primeiro a língua nativa em casa com os pais e depois com certa idade vão para a escola aprender o português. Assim, Mariano argumentou que “seria muito difícil eles perderem a língua nativa”.

Perguntado sobre o principal problema enfrentado pelos indígenas atualmente, ele não teve dúvida ao afirmar que é com relação a demarcação de terras que são “roubadas dos índios”. Neste caso, Mariano refere-se ao fato de alguns grileiros estarem cercado e ocupando terras indígenas demarcadas (que ficam a poucos quilômetros da aldeia). Indagado se a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) não fazia nada a respeito, Mariano respondeu que eles já foram lá, mas os “brancos” estão esperando por indenização, pois já estão morando a mais de um ano no local. Ele comentou como é “chato e injusta” essa situação, pois como os índios foram os primeiros habitantes do Brasil, seriam eles os “verdadeiros” donos dessa terra, mas que agora tem que estar lutando por um pedaço de chão para continuar seus costumes e suas culturas. Neste momento, ele refletiu que o “Guarani não quer incomodar os ‘brancos’, mas os ‘brancos’ só querem tomar terras indígenas”.

Durante a conversa notamos que Mariano ficou feliz de nos receber, pois sentiu sua cultura valorizada e expressou seu sentimento: “sabe que não vem muita gente fazer estas perguntas para a gente (...) mas é só marcar antes que atendemos”, e riu com espontaneidade.

Por fim, a pesquisa também buscou levantar as representações da comunidade escolar e da sociedade civil araquariense sobre os povos Guarani que habitam sua cidade. Para tanto, aplicamos o questionário (APÊNDICE B) para 140 alunos das turmas 1agro1, 1info1, 1quimi, 2agro2, 2info1, 2quimi, 3agro1 e 3info1 do Instituto Federal Catarinense – Campus Araquari. A análise dos dados coletados revelou que 91% dos alunos acham que existe algum tipo de preconceito da sociedade em relação aos indígenas, 2% acharam que não e 7% não foi capaz de opinar. Na associação livre de palavras, onde poderiam escrever cinco expressões que se lembram quando ouvem a palavra indígena, muitos escreveram: cultura, natureza, dança, oca. Por outro lado, em menor frequência os discentes também escreveram preguiça, bêbado, mendigo, cachaça. Tais dados revelam um preconceito e uma visão distorcida da realidade, pois as duas aldeias que visitamos os indígenas não possuíam estas características.

Também pesquisamos em manchetes dos jornais locais notícias relacionadas a visão da sociedade civil araquariense sobre os povos Guarani. Chamou a atenção do grupo reportagem do jornal Notícias do Dia (24/11/2012) que traz a declaração do ex-garimpeiro Claudino Garbin, proprietários de terra de Araquari, após a Funai demarcar parte de sua área como reserva indígena: “Não é pouco o prejuízo. É grande. Falei com o senador Luiz Henrique da Silveira, que disse para não me preocupar. Mas a gente está sofrendo. Se colocarem índios aqui, a bala vai comer solta. Que não sejam loucos”. (grifos nossos).

A análise da reportagem revela o conflito entre os proprietários araquarienses e a Funai sobre a demarcação de terras indígenas. A Funai defende promover e proteger direitos dos povos indígenas no Brasil. Um dos direitos defendidos é a delimitação de terras para os índios morarem, caçarem, plantarem e tenham assim os recursos necessários para reproduzir sua cultura. Já os proprietários, conforme relatado nas reportagens, priorizam a vertente econômica, ou seja, preocupam-se no prejuízo advindo da demarcação. Neste sentido, eles julgam e acusam os índios, sem trocar ao menos uma palavra para saber o que eles pensam e nem saber que com os atos descritos na notícia – “meter bala” – que fariam se as terras fossem demarcadas, prejudicariam diretamente os índios e sua cultura, que já é tão importante histórica e culturalmente para nosso país e tão desvalorizada e marginalizada. Assim, percebemos como os proprietários acabam subjugando a cultura indígena à interesses econômicos.

Algumas das aldeias prejudicadas são a aldeia *Pindoty* e a *Tarumã Mirin*. Inclusive, Mariano, o provável futuro Cacique da *Tarumã Mirin*, citou que umas das maiores preocupações da comunidade é a demarcação de terras, pois alguns “proprietários” que não concordam com a demarcação e nem pretendem entregar as terras para os indígenas. De tal modo, expressam representações de que “há muitas terras para pouco índio”. Porém, desconsideram as inúmeras atividades necessárias para manter uma aldeia e a cultura indígena, que já foi tão prejudicada nos últimos séculos. Não sabem por exemplo que as quatro aldeias presente na região estão em constante movimento em relação ao número de população, pois muitos índios migram ou emigram para aldeia todo ano

Outra fala do ruralista araquariense é que “o índio é cidadão como qualquer outro que reside no campo ou na cidade. Não adianta dar terras se eles não tem condições...Continuaremos obrigando-os a se tornarem pedintes nas cidades”. Nessa fala podemos ver como tem preconceito ainda com aqueles índios que vendem miçangas e artesanatos nas ruas das cidades, mal sabem eles que é mais

uma tentativa dos índios sobreviverem a globalização sem afetar tanto sua cultura que vender suas obras na cidades é uma forma de se sustentar sem precisar trabalhar em indústrias e sofrer influências de brancos.

E no final os proprietários defendem que o reconhecimento de terra indígena seja aprovado pelo congresso Nacional e não por portaria da Funai, pois esta, de acordo com proprietários, “não respeita o direito à propriedade”. Se esse projeto for aprovado concordamos com Frô (2012) quando ela declara que podemos dar adeus aos povos indígenas, adeus ao que resta de reservas naturais, ou seja perderemos metade de nossa identidade, perderemos línguas que originam muitas palavras do nosso dicionário, e por fim a temida extinção das línguas dos nossos povos indígenas.

CONCLUSÃO

A partir dos dados levantado, notamos, contrariando nossa hipótese, que a transmissão da língua nativa nos povos Guarani na região de Araquari/SC não está em risco, pelo menos a curto prazo. Quase a totalidade dos indígenas aprende o *Guarani Mbya* como língua materna e aprendem a língua portuguesa apenas na escola para se comunicarem fora da aldeia. Porém, notamos que a globalização está influenciando de modo agudo na cultura em geral, o que pode contribuir a médio ou longo prazo no risco de transmissão da língua para as próximas gerações caso não sejam efetivadas políticas de valorização da língua *Guarani mbya*.

Até o presente momento, observamos que a globalização atinge diferentes aldeias de distintos modos, e que por mais difícil que seja resistir ao seu avanço, os indígenas continuam lutando para preservar e continuar seus costumes e sua cultura. Com a pesquisa obtivemos uma ampla visão dos problemas atuais e então expandimos nossos novos conhecimentos para mais grupos sociais, desconstruindo estereótipos do senso comum, colaborando assim com a valorização da língua e da cultura dos povos Guarani.

Além disso, o trabalho também fez com que a visão dos integrantes da equipe em relação aos indígenas mudasse, pois notamos que eles são pessoas que sofrem com preconceito, com invasão, com alimentação, educação. E que com todo este quadro, grande parte da sociedade não lhe dá a importância que devíamos dar a eles pois eles já moravam aqui e tiramos tudo deles. No entanto, devemos ter esperança e, assim como Santos (2003), imaginar como o mundo *pode ser*, reaprendendo a ver o mundo e lutando por uma *outra globalização*, mais humana e inclusiva entre as diferentes culturas humanas, inclusive, a cultura indígena.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lizandra Magon de. E se... o mundo falasse a mesma língua? **Superinteressante**. São Paulo: Abril, Edição 177, Junho de 2002. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/e-se-o-mundo-falasse-a-mesma-lingua>>. Acesso em: 02 Jun. 2016.
- ANSEDE, Manuel. Uma onda de tribos isoladas da Amazônia sai em busca de socorro. El País, Brasil, 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/04/ciencia/1433440315_187131.html>. Acesso em: 30 de jun. 2016.
- BIZZOCCHI, Aldo. A língua mais antiga. **Língua Portuguesa**, v. 5, n. 59, set. 2010, p. 50-52. Disponível em: <<http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo94.asp>>. Acesso em: 30 de jun. 2016.
- CALDAS, Helena. Palavras de origem indígena presentes na língua portuguesa e seu significado, 2011. Disponível em: <<http://helenaconectada.blogspot.com.br/2011/04/palavras-de-origem-indigena-presentes.html>>. Acesso em: 02 de jun. 2016.
- CARDOSO, Luiz Muricy. Brasil já teve mais de mil línguas. **Aventuras na História**. São Paulo: Abril, 2006. Disponível em <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/brasil-ja-teve-mais-mil-linguas-434589.shtml>>. Acesso em: 02 de jun. 2016.
- CAVALLI-SFORZA, Luca; CAVALLI-SFORZA Francesco. **Quem somos? História da diversidade humana**. Tradução Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2002.
- EUROLOGOS. Porque não falamos todos a mesma língua, 2010. Disponível em: <<https://euologos-portugal.com/artigos/porque-nao-falamos-todos-a-mesma-lingua/>>. Acesso em: 02 de jun. 2016.
- FRÔ, Maria. **Proprietário de latifúndio em Araquari, SC: "Se colocarem índios aqui, a bala vai comer solta. Que não sejam loucos"**. Revista Fórum, 2012. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/mariafro/2012/11/26/proprietario-de-latifundio-em-araquari-sc-se-colocarem-indios-aqui-a-bala-vai-comer-solta-que-nao-sejam-loucos/>>. Acesso em: 04 abr. 2016.
- GOMES, Mercio Pereira. **Os índios e o Brasil - passado, presente e futuro**. São Paulo: Contexto, 2012.
- HARRISON, K. David. **When languages die: the extinction of the world languages and the erosion of human knowledge**. Oxford: Oxford University Press, 2007. 292 pp.
- HYPENESS. Instituto de Língua indígena do Brasil trabalha para preservar 274 idiomas, 2010. Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2016/03/instituto-de-linguas-indigenas-do-brasil-trabalha-para-preservar-274-idiomas/>>. Acesso em: 03 Jun. 2016.
- IBGE. Araquari: infográficos: dados gerais do município, 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=420130>>. Acesso em: 02 de jun. 2016.

IBGE. O Brasil Indígena: língua falada, 2010. Disponível em: <<http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada.html>>. Acesso em: 02 de jun. 2016.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

MAES. 10 Idiomas com peculiaridades muito bizarras, 2016. Disponível em: <<http://hypescience.com/10-idiomas-com-peculiaridades-muito-bizarras/>>. Acesso em: 02 de jun. 2016.

MURA, Fábio. Guarani Kaiowá: Língua, 2003. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/551>>. Acesso em: 02 de jun. 2016.

NEVES, Marco. Porque existem tantas línguas?, 2014. Disponível em: <<http://www.certaspalavras.net/porque-existem-tantas-linguas/>>. Acesso em: 02 de jun. 2016.

NOTÍCIAS DO DIA. Aldeia de Araquari não comemora o Dia do Índio, se mantém com artesanato e aposta na educação. **Notícias do Dia**, Joinville, 2016. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/noticias/27272-aldeia-de-araquari-nao-comemora-o-dia-do-indio-se-mantem-com-artesanato-e-aposta-na-educacao.html>>. Acesso em: 02 de jun. 2016.

NOTÍCIAS DO DIA. Donos de terra de Araquari são alvo de desapropriação. **Notícias do Dia**, Joinville, 2012. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/noticias/donos-de-terra-de-araquari-sao-alvo-de-desapropriacao.>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Cidadania e globalização: povos indígenas e agências multilaterais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 125-141, Nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832000001400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Jun. 2016.

OXFAM. **Uma economia para o 1%**. Documento informativo da OXFAM 210. Tradução ao português feita por Master Language Traduções e Interpretações Ltda. Oxford: Oxfam GB, 2016. Disponível em: <<http://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Informe%20Oxfam%20210%20-%20A%20Economia%20para%20o%20um%20por%20cento%20-%20Janeiro%202016%20-%20Relato%CC%81rio%20Completo.pdf>>. Acesso em: 02/06/2016.

ROMERO, Luiz. Línguas em extinção. **Superinteressante**. São Paulo: Abril, Edição 350, Agosto de 2015. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/linguas-em-extincao>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHWARTSMAN, Hélio. Índios e a globalização. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 de novembro de 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/77721-indios-e-a-globalizacao.shtml>>. Acesso em: 03 Jun. 2016.

SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. **Geografia geral e do Brasil** – espaço geográfico e globalização. São Paulo: Scipione, 2012. 248 p.

TERRA. Línguas em risco de extinção no Brasil, 2016. Disponível em <<http://www.terra.com.br/noticias/educacao/infograficos/linguas-extintas/>>. Acesso em: 02 de jun. 2016.

VAL, Marina. 7 línguas mais malucas e difíceis de aprender, 2015. Disponível em: <<http://www.megacurioso.com.br/bizarro/69421-7-linguas-mais-malucas-e-dificeis-de-aprender.htm>>. Acesso em: 02 de jun. 2016.

APÊNDICE A: Roteiro entrevista cacique

- 1- Como é a história da aldeia indígena?
- 2- Como é a história da aldeia indígena?
- 3- Como era a vida aldeia alguns anos atrás? Tem saudades de algo?
- 4- O que é ser cacique?
- 5- Qual é a sensação de ser a cacique? Você pensava em ser cacique antes?
- 6- Como é a vida cotidiana na aldeia?
- 7- Como é o ritual de batismo das crianças?
- 8- Como é feita a comida? De modo coletivo?
- 9- Por que algumas meninas possui o cabelo curto?
- 10- Quanto tempo você é Cacique da aldeia?
- 11- Você trabalha fora?(Se sim, onde trabalha e se não por que não trabalha?)
- 12- Você acha que são excluídos da sociedade? Se sim como se sentem?
- 13- Como é ter que sair da sua da rotina (costumes) para ser aceito na sociedade? Vocês fazem isto?
- 14- Na sua opinião, o que mais afetou os costumes indígenas nos últimos tempos?
- 15- Quais as diferenças entre o tempo que você era criança e atualmente? O que sente falta? O que desejaria que voltasse?
- 16- Quais costumes você percebe que estão perdendo?
- 17- Qual língua você fala mais no dia a dia? O guarani-mbya ou português? Como foi a adaptação?
- 18- Você acha que hoje em dia se fala menos a língua guarani-mbya do que na época que era criança? (Se sim por que?)

APÊNDICE B: Questionário aplicado aos discentes

Gênero: () Masculino () Feminino () Não sou capaz de opinar Idade: _____

Curso: () Informática () Química () Agropecuária Turma: _____

Para você, quais são as palavras ou expressões que melhor expressam um indígena atualmente? Utilize 5 palavras ou expressões:

INDÍGENA

Qual das imagens abaixo você acha que é mais representa uma tribo indígena atualmente em Araquari?



()



()



()



()

Você acha que existe preconceito por parte da sociedade em relação aos indígenas?

() Sim () Não () Não sou capaz de opinar

Por que os indígenas em geral estão em uma condição precária de pobreza:

() por que eles tem preguiça e não trabalham

() Por que eles tiveram sua cultura invadida

- Por que eles gastam seu dinheiro com coisas desnecessárias
- Pois sua cultura não necessita do acúmulo de riquezas
- Não sou capaz de opinar

Você acha que deveria haver mais indígenas no IFC?

- Sim
- Não
- Não sei

Você acha certo um indígena ter celular ou contato com a tecnologia da sociedade capitalista?

- Não acho certo, é uma contradição
- Sim, eles podem ter a vida deles
- Não sou capaz de opinar